



CURSO DE PSICOLOGIA

ANA BEATRIZ SOUSA SANTOS

**SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS
SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ari de Sá
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237s Santos, Ana Beatriz Sousa.
SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM
TEMPOS DE PANDEMIA / Ana Beatriz Sousa Santos. – 2021.
44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Glysa de Oliveira Meneses.

1. Comportamento Sexual. 2. COVID-19. 3. Isolamento Social. 4. Satisfação Sexual. 5. Busca de
Sensações Sexuais. I. Título.

CDD 150

ANA BEATRIZ SOUSA SANTOS

**SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS
SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de
Sá.

Orientador: Profa. Dra. Glysa de Oliveira
Meneses

Aprovado(a) em: 17/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Glysa de Oliveira Meneses
Faculdade Ari de Sá

Profa. Dra. Beatriz Sernache de Castro Neves
Faculdade Ari de Sá

Prof. Me. Roger Silva Sousa
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

Esta é uma das sessões mais difíceis de se escrever de todo o TCC, tendo em vista a grandiosidade da sua importância e da necessidade de evocar lembranças das pessoas que me ajudaram nessa trajetória. Dessa forma, torna-se difícil descrever em palavras a imensidade de consideração e afeto que possuo as pessoas para quem aqui escrevo. De forma geral, durante o percurso da graduação pude contar com diversas pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, sendo minha força, meu empurrão e meu afago. Das vezes que desacreditei de mim, essas pessoas fizeram com que eu crescesse. No meio dos meus dias de escuridão, foram minha luz. E nos momentos de incertezas, inseguranças e angústias, me mostraram outro caminho.

Primeiramente, agradeço à minha família. Aos meus queridos pais, agradeço por sempre acreditarem em mim. Se hoje consigo realizar meu sonho, é graça a vocês e por vocês. O amor de vocês me nutre e me fortalece para alcançar feitos que nem eu mesmo acredito que conseguiria. Aos meus irmãos, vocês são meus exemplos e inspirações. A vocês quatro, sou reflexo e parte de cada um, me ensinaram a viver, amar e lutar pelos meus sonhos. A saudade diária que me consome o peito transforma-se em oportunidade para crescer.

Agradeço a todos os meus amigos de vida, que durante a graduação tentaram se fazer presentes e me ensinar sobre viver. Em especial para três amigas que considero irmãs de alma: Ana, Aylana e Suziane. Agradeço por estarem comigo em todos os momentos que mais precisei e em nenhum momento deixaram sentir-me sozinha nesta cidade, sendo a minha família também. Vocês são o sinônimo de lealdade, amor e parceria.

Estendo meus agradecimentos para as amigas que fiz durante meu percurso de graduação, que tanto fizeram para que essa experiência se tornasse o mais leve possível. Os momentos de risadas, conversas, choros, estresses, angústias e cervejas ficam eternizados em minha memória. Agradeço a Júlia, Aline, Sarah, Marina, Roberta, Cristina e Fernanda Sales, que me orgulho das excelentes profissionais que vocês se tornaram.

A minha querida orientadora Profa. Dra. Glysa de Oliveira Meneses, por quem tenho uma imensa admiração e carinho. Agradeço por todas as orientações, pela confiança, pela paciência e por todas as trocas que tivemos durante a construção desse projeto. Nos momentos de completa angústia e desorientação, você me acolheu e me guiou. Sem sombras de dúvidas você foi a professora marcante da minha vida. Estimo que você continue trilhando este seu percurso brilhante na Psicologia, com o sorriso largo, a dedicação ao ensinar, o jeito de dar aula contagiante e com uma análise caótica sobre a vida e o Brasil, que tanto me fizeram dar gargalhadas.

Aos meus queridos professores da graduação que tenho total admiração e que são sinônimos de profissionais exemplares, éticos e competentes. Agradeço pelas lições e ajudas nas esferas profissionais e pessoais.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Beatriz Sernache e Prof. Me. Roger Sousa, agradeço por terem aceitado o convite para participarem deste momento e oferecer direcionamentos pertinentes para essa pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, participaram do meu percurso acadêmico.

SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Beatriz Sousa Santos
Glysa de Oliveira Meneses

RESUMO

A concepção de sexualidade é entendida como uma forma de expressão humana, influenciada pela perspectiva biológica, bem como pelo contexto social, cultural, econômico e histórico no qual o indivíduo está inserido. Dessa forma, o comportamento sexual é aprendido e socializado, levando em consideração que os indivíduos atuam de acordo com o meio em que estão inseridos. Devido a pandemia e as configurações do isolamento social, o exercício da sexualidade se complexificou, através do distanciamento ou excesso de convívio; a alta exposição a tecnologia; medo de ser infectado e infectar o seu par; alterações do desejo, prazer e frequência sexual; questões financeiras e psicológicas, consequentemente afetando o aspecto das práticas sexuais. Este estudo teve como objetivo compreender o papel de fatores psicológicos e contextuais envolvidos nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19. Para tanto, contou-se com uma amostra composta por 453 participantes que responderam a perguntas sociodemográficas e os seguintes instrumentos: a Escala de Medo da COVID-19; o Questionário de Comportamento Sexual; a Nova Escala de Satisfação Sexual (NSSS); e a Escala de Busca de Sensações Sexuais (SSSS). Os resultados encontrados indicaram diferenças significativas quanto a frequência do comportamento sexual entre participantes que tiveram COVID-19 e aqueles não tiveram a doença. Já entre participantes que residem sozinhos ou com outras pessoas, não foram observadas diferenças significativas quanto a frequência de seu comportamento sexual. Adicionalmente, foram observadas associações positivas entre o comportamento sexual e as variáveis busca de sensações sexuais, satisfação sexual, frequência autoerótica antes da pandemia e a frequência sexual com outras pessoas antes da pandemia. Um relacionamento significativo e negativo com o nível de isolamento social também foi encontrado. Nesse sentido, para as análises de regressão múltiplas, foram inseridos como preditores as variáveis que se apresentaram associadas com o comportamento sexual. A partir disso, foi possível verificar que as alterações no comportamento sexual das pessoas foram explicadas satisfatoriamente pelas variáveis satisfação sexual, busca de sensações sexuais, frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia, frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia e se o participante teve ou não COVID-19. Com isso, conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados, contribuindo com a literatura atual a partir do aprofundamento da compreensão acerca do comportamento sexual e aspectos relacionados durante a pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Comportamento Sexual. COVID-19. Isolamento Social. Satisfação Sexual. Busca de Sensações Sexuais.

ABSTRACT

The idea of sexuality is understood as a form of human expression that is impacted by the biological perspective and the social, cultural, economic, and historical environment into which the person is placed. Sexual behavior is thus acquired and socialized in this manner, considering that individuals act according to the context where they are placed. The exercise of sexuality has become more complex as a result of the pandemic and social isolation configurations, through distancing or excessive interaction; high exposure to technology; fear of being infected and infecting their partner; changes in sexual desire, pleasure, and frequency; financial and psychological issues, all of which have an impact on the aspect of sexual practices. This study aimed to understand the role of psychological and contextual factors involved in the sexual behavior of Brazilian adults during the COVID-19 pandemic. For this purpose, 453 participants answered sociodemographic questions and the following instruments: Fear of COVID-19 Scale (FCV-19S); Sexual Behavior Questionnaire; New Sexual Satisfaction Scale (NSSS); and Sexual Sensation Seeking Scale (SSSS). The findings revealed substantial differences in the frequency of sexual behavior between those with COVID-19 and those without the condition. There were no significant differences in the frequency of sexual behavior between people who lived alone or with others. Furthermore, positive correlations were found between sexual behavior and the variables sexual sensation seeking, sexual satisfaction, autoerotic frequency before to the pandemic, and sexual frequency with other people prior to the pandemic. Negative association between social isolation levels and sexual behavior was also found. The factors linked with sexual activity were included as predictors in the multiple regression analysis. This enabled us to confirm that the changes in people's sexual behavior were well explained by the variables sexual satisfaction, sexual sensation seeking, frequency of autoerotic sexual activity before to the pandemic, and frequency of sexual activity with others before to the pandemic. The proposed objectives were achieved, contributing to the present literature from the deepening of understanding about of sexual behavior and associated aspects during the COVID pandemic - 19 in the Brazilian context.

Keywords: Sexual Behavior. COVID-19. Social isolation. Sexual Satisfaction. Sexual Sensation Seeking.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma concepção estudada há um longo tempo e considerada o cerne da existência humana. Dessa forma, a representação da sexualidade humana modificou-se ao longo do contexto histórico vivido. Na Grécia Antiga, perpetuava-se uma cultura de culto ao corpo e ao prazer, tendo presente também a reprodução, mas distante da ideologia de valores morais, pudor e bons costumes (CARDOSO et al., 2009; FALCÃO JÚNIOR et al., 2007; MAROLA; SACHES; CARDOSO, 2011). Posteriormente, com o advento do cristianismo entre fins do século IV e início do século V, com a referência principal Santo Agostinho, se reforçou a ideia de pecado, uma vez que a renúncia do sexo atuaria como um dispositivo de pureza. Assim, sexualidade era caracterizada pela imposição e repressão dessa prática, a fim de doutrinar e controlar os indivíduos, especialmente as mulheres, demarcando-a como vulgarizada e, principalmente, proibindo o sexo antes do casamento, restringindo-o apenas a gerar filhos (FALCÃO JÚNIOR et al., 2007; LIMA, 1995; MAROLA; SACHES; CARDOSO, 2011). Nesse contexto, a Igreja posicionou-se como um dispositivo de poder e controle aplicado através da sexualidade, atribuindo à virgindade a ideia de santidade e pureza, no qual deveria ser o objetivo de todo cristão. O ato sexual era autorizado apenas no laço matrimonial, pois entendia-se que este teria a finalidade de reprodução, ainda que com diversas limitações (DANTAS, 2010).

Posteriormente, com Freud, foi ampliada a ótica sobre a sexualidade através dos seus estudos e a análise acerca da pulsão sexual. De acordo com a teoria freudiana, possuímos impulsos e desejos sexuais inconscientes, que são reprimidos, à medida que são modelados pelo julgamento moral e a cultura, isto é, os preceitos psicossociais moldam a forma como sua sexualidade é representada e externada (LOURO, 2000; MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011). A ideia de Freud foi fortalecida e propagada no século XX, juntamente à constituição da cientificidade. A imagem limitada da sexualidade, focada no modelo reprodutivo e biológico, foi bastante contestada e criticada. Consequentemente, acarretou uma perspectiva mais intimista da sexualidade, voltada para o prazer e o desejo (FALCÃO JÚNIOR et al., 2007; MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

Atualmente, a sexualidade é entendida como uma forma de expressão humana, de suas atitudes, impulsos, hábitos e vivências provocados por um toque, imagem ou pensamento, objetivando o prazer (CARDOSO et al., 2009). Esse ponto de vista compreende e integra diversos aspectos, como contexto biológico, psicológico, social, cultural, econômico, político e histórico do indivíduo. A sexualidade é subjetiva, a forma como cada um vai

subjetivar altera a experiência. Dessa maneira, o sentido, as sensações e o simbolismo da experiencição da sexualidade também sofrem essas alterações de acordo com o contexto presente (FALCÃO JÚNIOR et al., 2007; HEILBORN, 2006; MAROLA; SACHES; CARDOSO, 2011; OMS, 2020). Conforme cita Heilborn (2006), o comportamento sexual é aprendido e socializado, pois os indivíduos atuam de acordo com o meio que estão inseridos e são perpassados da forma como os seus referenciais e o seu mundo é estruturado, acrescentando uma relação dialógica entre a subjetividade e a sociedade. A forma de vivenciar essa sexualidade se desenvolve com o uso social do corpo induzida pela cultura vigente: um exemplo disso é o uso, por parte dos brasileiros, do contato corporal, como olhar, beijos e abraços, ao passo que, em outros países, essa forma mais franca e objetiva caracteriza-se como desrespeitosa.

Além disso, fortalecendo a ideia da influência social, histórica e cultural na construção da sexualidade, Louro (2008) cita que constantemente é reforçada a ideia sobre a natureza da sexualidade como sendo algo estritamente biológico e, de certo modo, instintiva. Contudo, ressalta-se a noção de quem produz e transforma o que é natural ou não-natural são os indivíduos, influenciado pela nossa cultura, resultando em uma dimensão biológica construída historicamente. Dessa forma, a maneira de experienciar a sexualidade é realizada de forma social, histórica, cultural, plural e subjetiva, envolvendo rituais, linguagens, fantasias representações, símbolos, entre outros.

Mediante o exposto, pode-se compreender que a vivência da sexualidade está estritamente relacionada com o corpo, o contato íntimo e a forma como este é concebida na cultura vigente (HEILBORN, 2006). Portanto, com o atual cenário pandêmico da COVID-19, em que distanciamento social foi a estratégia veemente adotada pelos países para a desaceleração do contágio, algumas alterações de modos de ser são previstas.

O novo coronavírus é advindo de uma mutação do vírus SARS-CoV-2, que pode causar infecções de caráter respiratório com quadros mais leves a mais graves. A fim de desacelerar o contágio da COVID-19 e o agravamento dos sintomas, os governos de diversos países adotaram estratégias protetivas e de biossegurança. Dentre essas estratégias, é possível citar a disseminação de informações sobre a manutenção da higiene pessoal (lavagem das mãos, uso do álcool em gel e máscara etc.), assim como a principal medida: o isolamento social (ADALJA; TONER; INGLESBY, 2020; BEZERRA et al., 2020).

Considerando as particularidades da vivência de uma pandemia, e, em especial, da necessidade de medidas de distanciamento social, devido ao alto risco de contágio, os impactos são variados na vida das pessoas. Pode-se perceber alterações em outras esferas para

além do viés biológico, como os impactos econômicos, sociais e psicológicos, isto é, no bem-estar em geral da população (BEZERRA et al., 2020; BROOKS et al., 2020; DÖRING, 2020; DUARTE et al., 2020; FENG et al., 2021; PANZERI et al., 2020).

No Brasil, os casos apresentados possuem características específicas, tendo em vista a disparidade socioeconômica potencializada pelas medidas restritivas de circulação social, além da lentificação na adoção de estratégias de saúde pública pelo governo federal em contraste a rapidez do contágio no país, muitas vezes apresentando propostas ineficazes. Juntamente a isso, ressalta-se a disseminação de notícias falsas, proporcionando o desconhecimento fidedigno, descrença da população acerca da gravidade vírus, (RIBEIRO et al., 2021). Além disso, ressalta-se que o compartilhamento em massa de falsas informações provoca uma mudança ou desconfiança na conduta pessoal, pois influencia na orientação popular, no comportamento e na adesão dos indivíduos as medidas de proteção e prevenção utilizadas contra a COVID-19 (ROSS et al., 2021). Essas questões influenciam consideravelmente para o agravamento da saúde mental da população, contribuindo para o desenvolvimento de quadros de ansiedade, depressão e episódios de estresse, bem como a saúde física (RIBEIRO et al., 2021).

Muitas são as repercussões psíquicas, sociais e econômicas dessa nova configuração, como a irritabilidade, estresse, ansiedade, alterações do sono, convívio social exacerbado ou impedido, limitação do exercício da profissão, entre outras, afetando as diversas áreas da vida dos indivíduos (BEZERRA et al., 2020; BROOKS et al., 2020; FARO et al., 2020). Do mesmo modo, o medo do contágio para si e para o outro diante da sintomatologia e mortalidade do vírus e as configurações de isolamento atual apresentam margem para diversas mudanças na vida da população. Dentre essas, as dinâmicas relacionais dos indivíduos e a sua vivência da sexualidade, provocando efeitos na forma como os indivíduos lidam com o seu comportamento sexual e a sua frequência, seja ela individual ou diádica, e o seu desejo sexual (ALVES et al., 2020; HENSEL et al., 2020; PANZERI et al., 2020).

Ainda que a transmissão da COVID-19 não seja através de fluídos vaginais e anais, o seu contágio pode estar relacionado com comportamentos sexuais, como o sexo oral, por meio do uso da saliva como lubrificante. Outros comportamentos correspondentes a intimidade física, como beijar, abraçar e acariciar, são relatados como as principais formas de transmissão. Por conta disso, influenciam as formas de se relacionar com o próprio corpo e com o corpo do outro (TAFURI; SANTOS; ZAGO, 2021).

Dessa maneira, a configuração dos relacionamentos modificou-se e, concernente a isso, a sociedade adaptou-se a essas transformações, com o distanciamento, o excesso de convívio, a alta exposição a tecnologia, medo de ser infectado e infectar o seu par, entre outros. Além disso, outras variáveis são apresentadas, implicando na reformulação e na qualidade da experiencição da sexualidade na pandemia, por exemplo, se estes indivíduos que se relacionam residem juntos ou separados, se possuem filhos ou outros membros da família morando junto, e se não possuem relação afetiva amorosa fixa (ALVES et al., 2020; HENSEL et al., 2020).

Nessa perspectiva, o cenário de encontros e interações sociais face-a-face para aqueles que não residem com um parceiro torna-se inacessível e inseguro, já que o contato entre os corpos deve ser evitado. Concernente a isso, a internet e o ambiente online constituem-se viáveis para os encontros e manifestação da sexualidade, favorecendo a ocorrência de práticas sexuais e afetivas virtualmente. Resulta-se na adesão de umas novas formas de interações, relacionamento e comportamento sexual com distanciamento físico e, através da tecnologia, a possibilidade de realizá-lo com pessoas de qualquer localidade geográfica (LIMA; COUTO; SILVA, 2020; RAMALHO, 2021; SILVA JÚNIOR; SILVA; COUTO, 2020).

Alguns autores citam também aspectos que influenciam na vivência da sexualidade e as alterações no comportamento sexual dos indivíduos durante a pandemia do COVID-19. Dentre os elementos identificados é possível destacar: dificuldades na comunicação e desgastes na relação; a falta de privacidade; alterações do desejo, prazer e frequência sexual; redução do número de parceiros sexuais; diminuição da libido devido aos sentimentos negativos propiciados pelo cenário pandêmico; alteração na autoestima; sentimentos de solidão; a utilização da atividade sexual como forma de alívio de estresse, ansiedade e sentimentos negativos. Além disso, verificou-se também tentativas de novas práticas sexuais, como experimentação de posições sexuais, BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) e fantasias; a busca na forma de lidar com o prazer consigo mesmo, através de sexting, masturbação e uso de materiais pornográficos, entre outros aspectos (ALVES et al., 2020; HENSEL et al., 2020; JACOB et al., 2020 apud PANZERI et al., 2020; LEHMILLER et al., 2021; LI et al., 2020; LI et al., 2020).

Estudos indicam que os motivos para alterações das práticas sexuais são diversos, por exemplo, as emoções negativas, resultantes da pandemia, estão diretamente relacionadas a uma busca significativamente menor de satisfação e prazer sexual (ALVES et al., 2020; GILLESPIE et al., 2021; PENNANEN-LIRE et al., 2021). Gillespie et al. (2021) discorrem

sobre o uso do comportamento sexual como estratégia de enfrentamento para lidar com as questões psicológicas e emocionais negativas, por exemplo, o sexo, quando se está ansioso, pode causar um efeito calmante diante da liberação de prazer. Entretanto, utilizar a atividade sexual como estratégia de enfrentamento pode acarretar uma dificuldade de autorregulação e controle das emoções, bem como a dificuldade a recusar atitudes impulsivas e de risco. Também, a intimidade e a conexão entre os casais sofrem implicações negativas, em virtude das diferenças de como ocorre a vivência da sexualidade durante esse período, afetando a saúde mental dos envolvidos (PENNANEN-LIRE et al., 2021).

Panzeri et al. (2020) e Pennanen-Lire et al. (2021) relatam o oposto, de modo que o processo intenso de preocupação e medo de contaminar alguém, bem como o estresse, afetam o prazer e do desejo sexual, desembocando em uma evitação a ter práticas sexuais. Ainda, ressalta-se o estudo desenvolvido por Karagoz et al. (2020), o qual identificou que a utilização de comportamento sexual sozinho, por exemplo, a masturbação, implicou em índices mais significativos de satisfação sexual e frequência de atividade do que a prática sexual com outra pessoa.

Outrossim, um fator que apresenta significância nessa alteração é a ausência de um relacionamento estável, ocasionando aos indivíduos limitações no que se refere a encontrar outras pessoas, oportunizando o aumento de envolvimento autoerótico. Diante das restrições provenientes do isolamento social, observa-se que a redução dos encontros sexuais com outras pessoas diferentes da que habitam na mesma residência estimulam os indivíduos a explorarem novas práticas sexuais que causam satisfação e prazer, especialmente as que possibilitam a realização individualmente, como a masturbação, uso da internet para troca de mensagens e fotos sensuais e uso de material pornográfico (LEHMILLER et al., 2021). Assinala-se para processos relativos à necessidade de ressignificação da relação social com o corpo, com o outro, seus afetos, intimidades, desejos e atitudes e as principais alterações da vivência da sexualidade levando em consideração as limitações do cenário e a influência social (ALVES et al., 2020; FENG, 2021).

Nesse sentido, cabe salientar que a adesão ou desinteresse às práticas sexuais adentram numa perspectiva de atitude e sua significância, uma vez que proporcionam a avaliação positiva ou negativa, aceitação ou negação da realização de determinadas ações. Dessa maneira, quanto maior for a relação negativa e aversiva por parte de um indivíduo em direção a determinados comportamentos, esta indicará uma menor probabilidade de sensação ou de (re)tentativa daquela experiência. Da mesma forma, o indivíduo apresentando uma relação positiva ocasionará numa maior aceitação, frequência e prazer (ROSÁRIO, 2013).

Mediante o exposto, autores como Pechorro et al. (2015), Ricardo (2016) e Rosário (2013), relatam que a busca de sensações sexuais está diretamente correlacionada aos comportamentos sexuais individuais e diádicos. Sendo assim, esse conceito torna-se imprescindível para a compreensão das alterações do comportamento sexual durante a pandemia de COVID- 19.

A busca de sensações sexuais define-se, como: “procura de sensações e experiências variadas, novas, complexas e intensas, e a aceitação de riscos físicos, sociais, legais e financeiros para obter essa experiência” (PECHORRO et al., 2015, p. 126). Além disso, a procura de sensações contribui para determinados comportamentos, atitudes e preferências do indivíduo, através de influências genéticas, psicofisiológicas e sociais (ROBERTI, 2004). À medida que os indivíduos buscam essas sensações sexuais, visualiza-se uma maior frequência de comportamentos sexuais que proporcionem sensações de excitação e prazer. Embora as sensações sexuais sejam interligadas à aquiescência a comportamentos de risco, Pechorro et al. (2015) e Roberti (2004) inferem que a sensação sexual pode advir de comportamentos sem riscos, caso proporcionem estimulação e excitação equivalentes.

Outro conceito correlacionado como um propulsor significativo para analisar a frequência da atividade sexual dos indivíduos é a satisfação sexual (STULHOFER; BUSKO; BROUILLARD, 2010). No entanto, de maneira geral, observa-se que o conceito desse construto apresenta uma dificuldade de delimitação única, pois há poucas pesquisas sobre este construto com a finalidade de conceitualização deste. Além disso, existem divergências teóricas nos estudos, em que alguns estabelecem apenas uma quantificação da satisfação sexual através do prazer e orgasmos, e outros creditam a conexão e a intimidade como indicador de satisfação sexual (BYERS, 1999; CARVALHEIRA; LEAL, 2008).

Apesar disso, Brehm (1992 apud LOPES, 2012) afirma que a satisfação sexual é consonante à proporção entre o que o indivíduo deseja sexualmente e aquilo que ele recebe de atividade sexual – expectativa e realidade, respectivamente. Ainda mais, a satisfação sexual pode ser caracterizada, como um fator de bem-estar geral do indivíduo (DAVISON et al., 2009; PECHORRO et al., 2015; STULHOFER; BUSKO; BROUILLARD, 2010), atribuindo-se a ela um papel importante de contribuição na investigação da qualidade das relações conjugais (DAVISON et al., 2009; LOPES, 2012), e fundamentalmente interligada ao orgasmo como referência de satisfação. Nessa direção, os estudos estão atrelados à equivalência entre a frequência dos orgasmos e prazer sexual e a satisfação sexual, a partir de uma relação diretamente proporcional. Do mesmo modo, quanto maior a satisfação sexual

mais frequentes serão as práticas sexuais (CARVALHEIRA; LEAL, 2008; LOPES, 2012; STULHOFER; BUSKO; BROUILLARD, 2010).

Apesar desses aspectos relevantes, observa-se que os estudos atuais apresentam uma lacuna no que se refere ao contexto brasileiro, uma vez que não se verificam pesquisas desenvolvidas no referido contexto que se dedicaram a investigar o comportamento sexual dos indivíduos durante a pandemia de COVID-19. Panzeri et al. (2020) reforçam essa observação, ao destacarem que, com efeito, são escassos os estudos sobre a qualidade de vida sexual durante um longo período de distanciamento ou uma convivência exacerbada da população que possuem um relacionamento ou são solteiros. Pennanen-lire et al. (2021), confirmam tal fato, ao indicarem para a insuficiência de estudos sobre o conteúdo de sexualidade durante períodos de pandemia, apesar da relevância que essa temática possui para a saúde geral e a qualidade de vida individual e coletiva.

Nesse contexto, a sexualidade, apesar de bastante discutida, é perpassa por concepções estigmatizadas, taxadas como superficiais e, muitas vezes, focada apenas nos aspectos de saúde sexual, como transmissão de IST's e reprodução. Logo, há um distanciamento entre as atividades sexuais com o prazer e a busca de sensações sexuais e satisfação sexual (CORNWALL; JOLLY, 2008; FALCÃO JÚNIOR et al., 2007).

Em observância a essas questões, esta pesquisa buscou compreender o papel de fatores psicológicos e contextuais envolvidos nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19. Diante das transformações originárias da pandemia do COVID-19 nas diversas esferas da vida dos indivíduos, incluindo suas relações, vivências e desejos, estima-se ser de fundamental importância a compreensão de aspectos contextuais e psicológicos que perpassam a sexualidade em contexto atual. Para tal feito, as variáveis de medo da COVID-19, a busca de sensações sexuais e satisfação sexual são consideradas imprescindíveis para investigação íntegra da sexualidade e do comportamento sexual durante a pandemia.

2 METODOLOGIA

Participantes

Contou-se com a participação de 453 de pessoas, com idades variando entre 18 e 53 anos ($M = 25,19$; $DP = 5,37$), a maioria do estado do Ceará (57,1%), da cidade de Fortaleza (50,2%); identificando-se como mulher (72,2%), branca (51,1%), solteira (o) (84%). A maioria das participantes afirmou estar namorando (41,4%) ou sem relacionamento (24,6%), ser heterossexual (55,8%); de religião católica (32,7%) ou não possuir religião (47,2%), com ensino superior incompleto (53,3%) e a renda de até 2 salários mínimos (28,5%), 2-4 salários mínimos (29,1%) e 4-10 salários mínimos (28,7%), residindo com outras pessoas (88%), e consideram seu posicionamento político da esquerda (60,3%). Destas, a maioria não teve COVID-19 (64,5%), se vacinaram (99,1%) há menos de 6 meses (91%).

Dos participantes, em sua maioria, consideram-se sexualmente ativos (86,5%); afirmaram que uso de camisinha durante a pandemia não alterou (72,1%); e não utilizaram aplicativo de encontro/sexo durante a pandemia (62,9%) e ou antes da pandemia (64,7%). Ademais, a frequência sexual autoerótica antes da pandemia variou entre 2 a 4 vezes por semana (25,4%), 2 a 3 vezes por mês (15,7%) e uma vez a cada dois meses ou menos (15,3%); enquanto a frequência sexual com parceiro(a) antes da pandemia variou entre 2 a 4 vezes por semana (24,1%) e uma vez por semana (23,8%).

Materiais

Os participantes responderam ao questionário informatizado composto pelos seguintes instrumentos:

- **Questionário Sociodemográfico:** O questionário sociodemográfico apresentou perguntas que investigam características da amostra, como idade, local de residência, estado civil, status de relacionamento, gênero de identificação, orientação sexual, religião, cor/raça, nível de escolaridade, renda mensal familiar, atividade sexual, uso de álcool, nível de isolamento, com quem reside atualmente, informações se foi infectado pela COVID-19, se recebeu a vacina contra esta, posicionamento político, e a frequência do uso de camisinha e da atividade sexual autoerótica e diádica.

- **Escala de Medo da COVID-19 (EMC-19):** A EMC-19 é uma adaptação do instrumento Fear of COVID-19 Scale (FCV-19S; 2020) para a versão brasileira, realizada pelos autores

Faro et al. (2020) e tem como intuito examinar o medo nos indivíduos em relação contaminação pelo vírus da COVID-19. Trata-se de uma medida unidimensional, que possui 7 itens, por exemplo: “Meu coração dispara ou palpita quando penso em ser infectado pela COVID-19”. A escala de resposta foi do tipo Likert, de 5 pontos (1=Discordo fortemente; 2=Discordo; 3= Nem concordo, nem discordo; 4= Concordo; 5= Concordo fortemente). O estudo original de Ahorsu et al. (2020) apresentou o alfa de Cronbach no valor de 0,82. Já o estudo brasileiro de adaptação do instrumento apresentou bons parâmetros de validade e precisão, com alfa de Cronbach de 0,86. Para este estudo, o alfa de Cronbach foi de 0,85.

- **Questionário de Comportamento Sexual:** Os itens da medida, desenvolvida especificamente para esta pesquisa, operacionalizaram os comportamentos sexuais de adultos e foram elaborados a partir da pesquisa de Lehmler et al. (2021). Os 38 itens que compõem o instrumento foram respondidos a partir de uma escala Likert, com 7 pontos (1= nunca; 2= uma vez por mês ou menos; 3= algumas vezes por mês; 4= uma vez por semana; 5= 2-3 vezes por semana; 6= quase todos os dias; 7= mais de uma vez por dia), como: “Utilizou um vibrador ou outro brinquedo sexual com um parceiro/uma parceira”; “Utilizou um brinquedo sexual sozinho (a)”. Obteve-se um alfa de 0,87 para esta escala, indicando bom nível de confiabilidade.

- **Nova Escala de Satisfação Sexual (NSSS):** O instrumento original é dos autores Stulhofer, Busko e Brouillard (2010) foi validado para a língua portuguesa por Pechorro et al. (2015), traduzida do seu nome original New Sexual Satisfaction Scale (NSSS) para Nova Escala de Satisfação Sexual. Distribuídos em duas subescalas: Subescala A - Centração no Eu e Subescala B - Centração no Parceiro e na Atividade Sexual, a medida é composta por 20 itens, por exemplo: “A intensidade da minha excitação sexual”; “A criatividade sexual do(a) meu(minha) parceiro(a)” e foi respondida a partir de uma escala Likert de 5 pontos, que vai de 1 (Nada satisfeito) a 5 (Totalmente satisfeito), de modo que maiores escores considerando ambas as subescalas indicam um maior nível de satisfação sexual. No estudo de Pechorro et al. (2015) essa medida apresenta valores satisfatórios, com alfa de Cronbach no valor de 0,96 (Subescala A: 0,95 e Subescala B: 0,94). No estudo original de Stulhofer, Busko e Brouillard (2010), o alfa de Cronbach variando entre 0,94 e 0,96. Neste estudo, os alfas foram de 0,93 para ambas as subescalas.

- **Escala de Busca de Sensações Sexuais (SSSS):** A versão portuguesa é denominada Escala

de Busca de Sensações Sexuais adaptada pelos autores Pechorro et al. (2015), baseado da versão original de Kalichman et al. (1994), a qual tem o nome de Sexual Sensation Seeking Scale (SSSS). É uma medida de um único fator, a fim de estimar a busca de sensações sexuais através de novas e diversas vivências da sexualidade. O instrumento possui 10 itens, por exemplo: “Gosto de encontros sexuais sem inibições sem tabus”; “Gosto de explorar a minha sexualidade”. O estilo de resposta foi do tipo Likert de 4 pontos, apresentando alternativas de 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente). Pechorro et al. (2015), confirmou bons resultados e confiáveis quanto aos parâmetros psicométricos, com o alfa de Cronbach 0,74, assim como o estudo original de Kalichman et al. (1994) com alfa de Cronbach 0,75. No presente estudo, a confiabilidade da escala foi de $\alpha = 0,70$.

Procedimento

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário informatizado, respondido individualmente, através da plataforma *Google Forms* e sua divulgação ocorreu principalmente via redes sociais. A participação dos indivíduos na pesquisa se deu mediante a leitura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual estes foram informados do caráter anônimo, sigiloso e voluntário da pesquisa e de que o participante tem a liberdade de desistir do estudo a qualquer momento sem qualquer tipo de ônus para ele; ao clicar no botão “próximo”, o participante concordava em participar do estudo. O tempo médio de preenchimento do questionário teve duração de, aproximadamente, 20 minutos. A aplicação do estudo ocorreu no período de final de outubro de 2021 até início de dezembro de 2021. Ressalta-se que, em consonância com o disposto nas resoluções CNS nº 466/2012 e nº 510/2016, esta etapa da pesquisa recebeu a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer 5.053.813).

Análise de Dados

Foram empregadas estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão) para caracterizar a amostra do estudo. Adicionalmente, foram empregadas análises de comparação de médias e análises de correlação de Pearson para analisar o relacionamento entre as variáveis de interesse, bem como análises de regressão múltiplas para avaliar o poder preditivo das variáveis e interesse sobre a frequência do comportamento sexual.

3 RESULTADOS

Inicialmente, foram empregadas análises de comparação de médias. Para avaliar o relacionamento entre ter tido ou não COVID-19 e a frequência do comportamento sexual dos participantes, foi realizado um teste t para medidas independentes. Em média, a frequência de comportamento sexual foi maior em participantes que tiveram COVID-19 ($M = 41,23$; $DP = 22,71$) do que nos participantes que não tiveram COVID-19 ($M = 36,30$; $DP = 21,58$). Essa diferença foi significativa [$t(451) = -2,28$, $p = 0,023$, $p = 0,02$].

Buscou-se também analisar se haveria diferenças significativas entre participantes que residem sozinhos ou com outras pessoas e a frequência de seu comportamento sexual. Os participantes que residem sozinhos ($M = 40,53$; $DP = 23,89$) tiveram a média de comportamento sexual maior do que os participantes que residem com outras pessoas ($M = 37,78$; $DP = 21,88$). Contudo, essa diferença não foi significativa [$t(449) = 0,857$, $p = 0,39$, $p = 0,39$].

Em seguida, buscou-se observar o relacionamento entre as variáveis foco do presente estudo. Especificamente, o medo da COVID-19, o nível de isolamento social, a busca de sensações sexuais, a satisfação sexual, a frequência de uso de aplicativos de sexo/encontros antes da pandemia, a frequência de atividade sexual autoerótica e de atividade sexual com outras pessoas, ambas antes da pandemia, e ainda a frequência do comportamento sexual. Os resultados estão sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Correlações entre medo da COVID-19, busca de sensações sexuais, satisfação sexual, nível de isolamento social, frequência do comportamento sexual, frequência do uso de aplicativos de encontro/sexo antes da pandemia, frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia e a frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1	1	-	-	-	-	-	-	-
2	0,00	1	-	-	-	-	-	-
3	-0,05	0,08	1	-	-	-	-	-
4	0,19**	-0,04	-0,01**	1	-	-	-	-
5	0,00	0,39**	0,39**	-0,10*	1	-	-	-
6	-0,07	0,13**	-0,17**	-0,19	0,08	1	-	-
7	-0,00	0,35**	-0,08	0,64	0,22**	0,23**	1	-
8	0,02	0,16**	0,26**	0,00	0,26**	-0,11*	0,07	1

Nota: ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$. Variáveis: 1 – Medo da COVID-19; 2 - Busca de Sensações Sexuais; 3- Satisfação Sexual; 4- Nível de Isolamento Social; 5- Frequência do Comportamento Sexual; 6- Frequência do uso de aplicativos de encontro/sexo antes da pandemia; 7- Frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia; 8- Frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia.

Fonte: Elaborada pela autora

Os resultados indicaram correlações positivas e significativas entre o comportamento sexual e a busca de sensações sexuais ($r = 0,39$; $p < 0,01$), a satisfação sexual ($r = 0,39$; $p <$

0,01), a frequência autoerótica antes da pandemia ($r = 0,22$; $p < 0,01$) e a com frequência sexual com outras pessoas antes da pandemia ($r = 0,26$; $p < 0,01$). Por outro lado, o comportamento sexual se correlacionou negativa e significativamente com o grau de isolamento social ($r = -0,10$; $p < 0,05$).

O medo de contaminação pelo vírus da COVID-19 se correlacionou positiva e significativamente ao isolamento social ($r = 0,19$; $p < 0,01$). Já a busca de sensações sexuais se correlacionou positiva e significativamente à frequência do uso de aplicativos antes da pandemia ($r = 0,13$; $p < 0,01$), à frequência autoerótica antes da pandemia ($r = 0,35$; $p < 0,01$), e à frequência sexual com os outros antes da pandemia ($r = 0,16$; $p < 0,01$). A satisfação sexual apresentou-se negativa e significativamente relacionada com isolamento social ($r = -0,01$; $p < 0,01$) e com a frequência de aplicativos antes da pandemia ($r = -0,10$; $p < 0,01$) e positivamente com frequência sexual com os outros antes da pandemia ($r = 0,20$; $p < 0,01$). Esperava-se que fosse encontrada uma correlação negativa entre o medo da contaminação pelo vírus da COVID-19 e a frequência dos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia, porém essa associação não foi encontrada ($p > 0,05$).

Por fim, utilizou-se a análise de regressão linear múltipla, a partir do método *stepwise*, para avaliar o poder preditivo das variáveis de interesse sobre o comportamento sexual das pessoas. Os resultados estão indicados na Tabela 2.

Tabela 2 - Modelo da Regressão Linear Múltipla tendo como variável dependente comportamento sexual

Variáveis	B	β	t	p
Comportamento Sexual				
Modelo 1 [F(1, 414) = 76,50 $p < 0,001$] $\Delta R^2 = 0,15$				
Satisfação Sexual	0,54	0,39	8,74	$p < 0,001$
Modelo 2 [F(2, 413) = 81,00; $p < 0,001$] $\Delta R^2 = 0,27$				
Satisfação Sexual	0,49	0,36	8,64	$p < 0,001$
Busca de Sensações Sexuais	1,92	0,35	8,50	$p < 0,001$
Modelo 3 [F(3, 412) = 59,42; $p < 0,001$] $\Delta R^2 = 0,29$				
Satisfação Sexual	0,52	0,38	9,12	$p < 0,001$
Busca de Sensações Sexuais	1,62	0,30	6,75	$p < 0,001$
Frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia	1,79	0,15	3,45	$p < 0,001$
Modelo 4 [F(4, 411) = 47,70; $p < 0,001$] $\Delta R^2 = 0,31$				
Satisfação Sexual	0,47	0,34	8,08	$p < 0,001$
Busca de Sensações Sexuais	1,52	0,28	6,35	$p < 0,001$
Frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia	1,75	0,14	3,39	$p < 0,001$
Frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia	1,67	0,12	3,01	$p < 0,001$

Continua

Continuação

Modelo 5 [F(5, 410) = 39,62; $p < 0,001$] $\Delta R^2 = 0,31$				
Satisfação Sexual	0,47	0,34	8,14	$p < 0,001$
Busca de Sensações Sexuais	1,50	0,27	6,28	$p < 0,001$
Frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia	1,80	0,15	3,51	$p < 0,001$
Frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia	1,65	0,12	2,98	$p < 0,001$
Teve COVID-19	4,30	0,09	2,30	$p < 0,001$

Fonte: Elaborada pela autora

Como é possível visualizar, a satisfação sexual ($\beta = 0,34$; $p < 0,001$); busca de sensações sexuais ($\beta = 0,27$; $p < 0,001$), a frequência da atividade sexual autoerótica antes da pandemia ($\beta = 0,15$; $p < 0,001$), a frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia ($\beta = 0,12$; $p < 0,001$); e o fato de ter contraído COVID-19 ($\beta = 0,09$; $p \leq 0,001$) explicaram satisfatoriamente [F(5, 410) = 39,62; $p < 0,001$; $\Delta R^2 = 0,31$] a variação do comportamento sexual. Tal variável foi responsável pela explicação de 31,8% ($R^2_{ajustado} = 0,318$) da variância total.

4 DISCUSSÃO

A pandemia da COVID-19 teve como sua principal medida de desaceleração do contágio o isolamento social. Em consequência disso, houve repercussões no comportamento sexual do indivíduo, tendo em vista as restrições para encontros com outras pessoas, excesso de convívio, orientações para permanecer o máximo possível em casa, medo de ser infectado e infectar outras pessoas, entre outros (ALVES et al., 2020; HENSEL et al., 2020). Portanto, variados estudos demonstraram como a pandemia influenciou no comportamento sexual em diferentes países, e, nessa direção, a presente pesquisa teve por objetivo produzir entendimento sobre o papel de fatores psicológicos e contextuais implicados nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19.

Dessa forma, inicialmente, buscou-se verificar possíveis diferenças no comportamento sexual de pessoas que tiveram ou não COVID-19. Observou-se que os participantes que tiveram COVID-19 apresentaram maior frequência de comportamento sexual do que os participantes que não contraíram a doença.

No tocante a esse tema, Hensel et al. (2020) reforçam que ter uma quantidade de informações consideravelmente alta sobre a COVID-19, por exemplo sobre transmissão e prevenção, pode ocasionar uma ideia de baixo risco e o sentimento de segurança para realizarem atividade sexual com outras pessoas. Além disso, a crença em informações e notícias falsas acerca da infecção por COVID-19 pode influenciar na exposição a contaminação, enfrentamento a doença e adoção de comportamentos de risco. No Brasil, especificamente, a disseminação de notícias falsas mostrou-se em alta prevalência e influenciando no comportamento da população (ROSS et al., 2021).

Logo, tal resultado pode ser compreendido a partir da ótica das práticas de comportamentos sexuais de risco, as quais são definidas por atitudes que influenciam a saúde física e mental de indivíduo, podendo gerar consequências individuais, sociais e familiares (PLUTARTCO et al., 2019; FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001). Pode-se inferir que ter contraído COVID pode implicar num senso de menor risco e maior segurança, acarretando aos indivíduos um aumento na disposição para frequência de comportamento sexual.

Nessa mesma direção, buscou-se verificar se haveria diferenças no comportamento sexual entre indivíduos que residem sozinhos e aqueles que residem com outras pessoas. A partir da análise de comparação de médias, observou-se que os participantes que residem sozinhos apresentaram maior frequência de comportamento sexual em contraste com participantes que moram com outras pessoas, contudo esta diferença não foi significativa. Isso

sugere que, com efeito, o comportamento sexual das pessoas não parece ter sido impactado pelo fato de com quem os indivíduos residem, se sozinhos ou se em coabitação com outros.

Esse resultado parece refletir aspectos já observados em outras pesquisas, as quais demonstraram que as pessoas que residem com outras pessoas ou sozinhas tentaram adaptar a frequência da sua atividade sexual. As pessoas que residem com outras pessoas, como o seu parceiro, durante o isolamento social, foram mais expostas a rotina juntas, conseqüentemente passando mais tempos juntos, em razão disso mais oportunidade para práticas sexuais. Já as pessoas que moram sozinhas, tentaram se adaptar as mudanças com atividades sexuais solo, como a masturbação, uso de brinquedos sexuais, uso da pornografia etc. (DORING, 2020). Logo, estima-se que, apesar de implicarem em diferentes modalidades de práticas, as pessoas buscaram estratégias específicas com a finalidade de manter a frequência de seu comportamento sexual.

Em seguida, foram observados os relacionamentos entre as variáveis de interesse, a partir de uma análise de correlação de Pearson. No que diz respeito às variáveis medo da COVID-19 e isolamento social, verificou-se que estas apresentaram-se positiva e significativamente correlacionadas. Este resultado é coerente com o que aponta Faro et al. (2020), ao mencionar que a sensação e percepção do medo se torna oportuno para os indivíduos, pois pode estimular a adoção de comportamento voltados para higiene pessoal, bem como a adesão as recomendações de distanciamento social. Nesse sentido, é possível pensar que esses dois processos se retroalimentam, de modo que indivíduos mais isolados podem apresentar maiores níveis de medo da COVID-19, do mesmo modo que a maior sensação de medo pode levar as pessoas a buscarem maior grau de isolamento social.

Adicionalmente, o isolamento social apresentou-se negativamente relacionado ao comportamento sexual e satisfação sexual. Apesar de o coeficiente ter se apresentado baixo para ambas as correlações, é possível compreender que este resultado indica que o nível de isolamento social apresentado pelos participantes e as conseqüências dele podem, em alguma medida, ter impactos na frequência do comportamento sexual, bem como na satisfação produzida por esse comportamento. De maneira geral, isso poderia ocorrer tanto em decorrência de aspectos emocionais envolvidos nesse comportamento, quanto no que se refere as práticas sexuais em si.

Na direção desses dados, Alves et al. (2020), Panzeri et al. (2020) e Pennanen-Lire et al. (2021), referem-se ao período de isolamento social com algumas características de estresse, ansiedade, medo da contaminação, instabilidade econômica, adaptação da rotina, entre outras preocupações decorrentes deste momento. Isso pode ter dificultado a frequência

dos indivíduos para atividades sexuais, tendo em vista as consequências para o prazer e a evitação de práticas sexuais. Outro estudo aponta que a satisfação sexual se associou negativamente às mudanças vigentes produzidas pelo isolamento social, principalmente pelas repercussões psicológicas atenuadas (FLEURY; ABDO, 2021; OMAR et al., 2021). Adicionalmente, Hensel et al. (2020) e Lehmillier et al. (2021) observaram, nos resultados dos seus estudos, que ainda que os indivíduos tenham tido adições de novas práticas durante a pandemia, estas não foram maiores do que a redução verificada de sua atividade sexual, ocasionada, essencialmente, pelo período do isolamento social.

Considerando a relevância de tais variáveis para a compreensão do comportamento sexual, buscou-se verificar o poder explicativo dessas sobre a conduta alvo deste estudo. Foi possível constatar que a satisfação sexual, a busca de sensações sexuais, a frequência sexual autoerótica antes da pandemia, a frequência da atividade sexual com os outros antes da pandemia e a infecção prévia pelo vírus da COVID-19 se apresentaram como bons preditores para explicar satisfatoriamente o comportamento sexual.

A partir desse resultado, é possível inferir que a frequência do comportamento sexual de indivíduos adultos, durante a pandemia de COVID-19 no Brasil pode ser mais bem compreendida a partir da interação com essas variáveis. Com efeito, a busca de sensações sexuais é associada à atividade sexual, pois caracteriza-se como o interesse em procurar diversas experiências novas, a fim de obter sensação sexuais. Então, o aumento da busca de sensações sexuais ocasiona uma maior frequência a realizar comportamentos sexuais que proporcionem sensações de excitação e prazer (PECHORRO et al., 2015). Quanto a satisfação sexual, os estudos de Lopes (2012) e Stulhofer, Busko e Brouillard (2010) afirmam que a satisfação apresenta relação direta com a frequência da atividade sexual, isto é, quanto maior a satisfação sexual mais frequentes serão as práticas sexuais.

Além disso, sobre a frequência da atividade sexual autoerótica e com outras pessoas antes e durante a pandemia, pode-se conjecturar no sentido de uma constância e regularidade nessas práticas também durante a pandemia. Nessa direção, os indivíduos que possuíam maior frequência anterior a pandemia, podem ter sentido necessidade de manter essa prática durante o período de isolamento social. Em contrapartida, quanto aos indivíduos que não praticavam ou não possuíam interesse anteriormente, essa frequência pode ter se refletido também durante a pandemia. Nessa perspectiva, estima-se que a experiencição ou não da sexualidade apresenta-se interdependente do significado atribuído pelos indivíduos a essa prática. Dessa forma, a realização de atividade sexual depende do papel, significância e aceitação que este comportamento possui na vida do indivíduo, impactando sua frequência (ROSÁRIO, 2013).

Esperava-se que fossem encontradas correlações entre o medo da contaminação pelo vírus da COVID-19 e a frequência dos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia. Isto é, esperava-se que o medo da COVID-19 tivesse algum impacto negativo sobre a frequência da atividade sexual. Entende-se que a intensa preocupação e o medo de contaminar alguém, resultam na evitação a ter práticas sexuais (PANZERI et al., 2020; PENNANEN-LIRE et al., 2021).

Contudo, não foi encontrada uma correlação linear entre essas duas variáveis, considerando-se uma série de outros elementos que podem perpassar o medo de ser infectado com o vírus da COVID-19 e a frequência do comportamento sexual, como estresse, tensão financeira, desejo sexual, entre outros (CITO et al., 2021; KARAGOZ et al., 2020; LI et al., 2020). Nesse sentido, foi possível considerar que ideia de não se sentir ameaçado a contrair o vírus da COVID-19 e o sentimento de segurança gerado pelas pessoas que já tinham sido infectadas, pode ter propiciado a uma menor adesão a comportamentos de proteção a saúde e tornarem-se mais suscetíveis a realizar comportamentos sexuais de risco.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender o papel de fatores psicológicos e contextuais envolvidos nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19. A partir dos resultados apresentados e da discussão proposta, acredita-se que tal objetivo foi alcançado e as informações trazidas apresentam um panorama pertinente no que se refere ao comportamento sexual e aspectos relacionados durante a pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro.

Com isso, o estudo contribuiu a compreender os diversos aspectos envolvidos na vivência da sexualidade em contexto atual, para além das concepções comumente envolvidas nos estudos sobre sexualidade, como IST's e reprodução. Em suma, proporcionou aproximação entre as atividades sexuais com o prazer e a busca de sensações sexuais e satisfação sexual, entre outros.

Não obstante, diante dos resultados encontrados, é preciso constatar que esse estudo traz limitações. Tais limitações, embora não invalidem os resultados indicados, permitem contextualizar os dados obtidos. Portanto, é importante evidenciar que essa pesquisa, mais especificamente a coleta de dados, foi realizada em novembro de 2021, após vinte meses do início das medidas de isolamento social decretadas no Brasil, em março de 2020. Além disso, a quantidade de pessoas vacinadas contra a COVID-19 já se encontrava bastante avançada, com isso, os casos de mortalidade e hospitalização apresentavam frequência reduzida, a volta da rotina presencial cada vez mais constantes e o isolamento social de forma menos rígida. Essa cronologia da aplicação da pesquisa deve ser destacada, uma vez que tais elementos podem ter influenciado significativamente as respostas dos participantes.

Por fim, é fundamental salientar a necessidade do desenvolvimento de pesquisas futuras que explorem outros aspectos, os quais permitam, por exemplo, a comparação transcultural relacionada a sexualidade em brasileiros e pessoas vivendo em outros países, e a inserção de variáveis e seu relacionamento com o comportamento sexual, como desejo sexual, autoestima e transtornos mentais comuns – ansiedade, depressão e estresse, e outros construtos como questões socioeconômicas. Além disso, tendo em vista ainda o contexto vigente de pandemia, com as tensões predominantes da época, em decorrência do surgimento de novas variantes, obrigatoriedade da vacinação, polaridade política, compartilhamento de notícias falsas e tentativa de reestabelecimento da rotina, destaca-se que outros impactos e mudanças poderão ser observados no comportamento sexual dos indivíduos por um tempo

prolongado, indicando para a necessidade de aprofundamento constante quando a essas dinâmicas.

6 REFERÊNCIAS

ADALJA, A. A.; TONER, E.; INGLESBY, T. V. Priorities for the US health community responding to COVID-19. **Jama**, v. 323, n. 14, p. 1343-1344, 2020.

AHORSU, D. K. et al. The Fear of COVID-19 Scale: Development and Initial Validation. **International Journal of Mental Health and Addiction**, 2020.

ALVES, A. B. et al. “Prazer sexual em tempos da covid-19”: Celebrando o dia mundial de saúde sexual 2020, com a World Association for Sexual Health e a Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, n. 31, v. 2, 2020.

BEZERRA, C. B. et al. Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n.4, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BROOKS, S. K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, v. 10227, p. 912- 920, 2020.

BYERS, E. S. The interpersonal exchange model of sexual satisfaction: Implications for sex therapy with couples. **Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy**, v. 33, n. 2, p. 95-111, 1999.

CARDOSO, F. L. et al. Implicações do conhecimento corporal no comportamento sexual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n.4, p. 345-354, 2009.

CITO, G. et al. The impact of the COVID-19 quarantine on sexual life in Italy. **Urology**, v. 147, p. 37-42, 2021.

CORNWALL, A.; JOLLY, S. **Questões de sexualidade: Ensaios transculturais**. Rio de Janeiro, RJ: ABIA, 2008. *E-book*.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 10, n. 3, p. 700-728, 2010.

DAVISON, S. L. et al. The Relationship between self-reported sexual satisfaction and general well-being in women. **The journal of sexual medicine**, v. 6, p. 2690–2697, 2009.

DÖRING, N. How is the COVID-19 pandemic affecting our sexualities? An overview of the current media narratives and research hypotheses. **Archives of sexual behavior**, v. 49, n. 8, p. 2765-2778, 2020.

DUARTE, M. de Q. et al. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3401-3411, 2020.

FALCÃO JÚNIOR, J. S. P. et al. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n.1, p. 58-65, 2007.

FARO, A. et al. Adaptação e validação da Escala de Medo da COVID-19. **Manuscrito em submissão**, 2020.

FEIJÓ, R. B.; OLIVEIRA, E. A. de. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 77, 2001.

FENG, Y.-J. et al. Correlation of Sexual Behavior Change, Family Function, and Male-Female Intimacy Among Adults Aged 18-44 Years During COVID-19 Epidemic. **Sexual medicine**, v. 9, n. 1, p. 100301, 2021.

FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. Saúde sexual na pandemia pelo coronavírus COVID-19. **Revista Diagnóstico & Tratamento**, v. 26, n.3, p. 114-117, 2021.

GILLESPIE, S. M. et al. Coping Using Sex During the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Outbreak in the United Kingdom. **The journal of sexual medicine**, v. 18, p. 50-62, 2021.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.

HENSEL, D. J. et al. Changes in solo and partnered sexual behaviors during the COVID-19 pandemic: Findings from a US probability survey. **medRxiv**, 2020.

KALICHMAN, S. C. et al. Sexual sensation seeking: Scale development and predicting AIDS-risk behavior among homosexually active men. **Journal of personality assessment**, v. 62, n. 3, p. 385-397, 1994.

KARAGOZ, M. A. et al. Influence of COVID-19 pandemic on sexuality: a cross-sectional study among couples in Turkey. **International Journal of Impotence Research**, p. 1-9, 2020.

LEHMILLER, J. J. et al. Less sex, but more sexual diversity: Changes in sexual behavior during the COVID-19 coronavirus pandemic. **Leisure Sciences**, v. 43, p. 295-304, 2021.

LI, G. et al. Impact of the COVID-19 pandemic on sexual and reproductive health: A Cross-sectional Online Survey. **Journal of Medical Internet Research**, 2020.

LI, W. et al. Challenges in the practice of sexual medicine in the time of COVID-19 in China. **The Journal of Sexual Medicine**, v. 17, p. 1225-1228, 2020.

LIMA, D. M.; COUTO, E. S.; SILVA, P. Manda nudes: Pedagogias sexuais no Grindr. **Artefactum – Revista de estudos em Linguagens e Tecnologias**, v. 19, n. 1, p. 1-13, 2020.

LIMA, L. L. da G. Confissão e sexualidade. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA:IMS/UERJ, p. 38-50, 1996.

- LOPES, B. S. N. **Um olhar sobre as relações amorosas: Satisfação conjugal, intimidade e satisfação sexual.** Orientador: Maria Gouveia Pereira. 2012. 66 f. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica) – Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Instituto Universitário (ISPA), Lisboa, 2012.
- LOURO, G. L. **O Corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2000. *E-book*.
- MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, n. 33, p. 95-118, 2011.
- OMAR, S. S. et al. Psychological and sexual health during the COVID-19 pandemic in Egypt: Are women suffering more?. **Sexual Medicine**, v. 9, n. 1, p. 100295-100306, 2021.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). Saúde sexual, direitos humanos e a lei. Tradução: Daniel Canavese de Oliveira, Maurício Polidoro. Porto Alegre: UFRGS, 2020. 88p.
- PANZERI, M. et al. Changes in sexuality and quality of couple relationship during the COVID-19 lockdown. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2020.
- PECHORRO, P. S. et al. Validação portuguesa da Escala de Busca de Sensações Sexuais. **Revista Internacional de Andrología**, v. 13, n. 4, p. 125-130, 2015.
- PECHORRO, P. S. et al. Validação portuguesa da nova escala de satisfação sexual. **Revista Internacional de Andrologia**, v. 13, n. 2, p. 47-53, 2015.
- PENNANEN-LIRE, C. et al. Sexual health implications of COVID-19 pandemic. **Sexual medicine reviews**, v. 9, n. 1, p. 3-14, 2021.
- PLUTARCO, L. W. et al. A influência da confiança no parceiro na decisão do uso da camisinha. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 220-233, 2019.
- RAMALHO, N. S. dos S. O Camming no Brasil: Uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de pandemia. In: SILVA, M. C. de O.; SIQUEIRA, L. F. S. (orgs.). **Diálogos contemporâneos: Gênero e sexualidade na pandemia.** São Luís, MA: Editora Expressão Feminista, 2021. *E-book*.
- RIBEIRO, F. S. et al. Exploring the Frequency of Anxiety and Depression Symptoms in a Brazilian Sample during the COVID-19 Outbreak. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n.9, p. 4847, 2021.
- RICARDO, D. L. G. **Fatores preditores da procura de sensações sexuais.** Orientador: Miguel Faria. 2016. 95f. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde) – Escola de Psicologia e Ciências da Vida – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2016.
- ROBERTI, J. W. A review of behavioral and biological correlates of sensation seeking. **Journal of Research in Personality**, v. 383, p. 256-279, 2004.

ROSÁRIO, P. R. do. **Comportamentos sexuais de risco: Procura de sensações sexuais e atitudes face ao preservativo.** Orientador: Manuela Guerreiro. 2013. 97f. Dissertação (Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias) – Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2013.

ROSS, J. de R. et al. Fake News e infodemia em tempos de COVID-19: Indicadores Ministério da Saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 25, p. 1-7, 2021.

SILVA JUNIOR, A. O; SILVA, J. F. da; COUTO, E. S. Amor, sexo e distância física: pedagogias do web-namoro na pandemia da Covid-19. **Revista Educação em Questão**, v. 58, n. 58, p. 1-25, 2020.

STULHOFER, A.; BUSKO, V.; BROUILLARD, P. Development and Bicultural Validation of the New Sexual Satisfaction Scale. **The Journal of Sex Research**, v. 47, n. 4, p. 257-268, 2010.

TAFURI, B. K.; SANTOS, V. R. dos; ZAGO, M. C. Comportamento sexual e pandemia por COVID-19: impasses e possibilidades. **Saúde Mental no Século XXI: Indivíduo e coletivo pandêmico**, 2021.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISA: SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Prezado (a) colaborador (a),

Você é convidado (a) a participar desta pesquisa intitulada “**SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**”, que tem como intuito compreender o papel de fatores psicológicos e contextuais envolvidos nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Indivíduos brasileiros acima de 18 anos, residentes no Brasil, e que se engajaram em algum tipo de comportamento sexual nos últimos 12 meses, com independência de gênero e orientação sexual, bem como estado civil e status de relacionamento. Conta-se com uma amostra não probabilística de, aproximadamente, 300 pessoas. Participarão da pesquisa aqueles voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você responderá a um questionário envolvendo questões relacionadas as práticas sexuais vivenciadas durante o período da pandemia de COVID-19, além de aspectos relacionados a sua satisfação sexual e sensações sexuais que você pode ter apresentado durante os últimos 12 meses. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda interromper a sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com as coordenadoras da pesquisa.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa poderá acarretar o risco mínimo de algum constrangimento ou desconforto que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Caso venha a ocorrer, o pesquisador se disponibilizará para a intervenção necessária junto ao participante. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pelas Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco à sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os responsáveis pela pesquisa terão conhecimento das respostas, e seu nome não será usado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que esta nos forneça dados importantes acerca de questões relacionadas às experiências vivenciadas no período da pandemia.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Glysa de Oliveira Meneses.
Instituição: Faculdade Ari de Sá
Endereço: Avenida Heráclito Graça, 826, Centro, Fortaleza – CE, CEP: 60140-060.
Telefones para contato: (85) 3077-9700

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Ao clicar no botão “**próximo**”, você confirma seu consentimento para a participação nesta pesquisa.

Você pode fazer o download da versão para impressão deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido clicando aqui, e guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico.

Nome do participante: _____

Nome do membro da equipe de pesquisa: _____

Local e Data: _____

Assinatura do participante responsável: _____

Assinatura do membro da equipe de pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISA: SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Prezado (a) colaborador (a),

Você é convidado (a) a participar desta pesquisa intitulada “**SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**”, que tem como intuito compreender o papel de fatores psicológicos e contextuais envolvidos nos comportamentos sexuais de adultos brasileiros durante a pandemia do COVID-19. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Indivíduos brasileiros acima de 18 anos, residentes no Brasil, e que se engajaram em algum tipo de comportamento sexual nos últimos 12 meses, com independência de gênero e orientação sexual, bem como estado civil e status de relacionamento. Conta-se com uma amostra não probabilística de, aproximadamente, 300 pessoas. Participarão da pesquisa aqueles voluntários que, convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você responderá a um questionário envolvendo questões relacionadas as práticas sexuais vivenciadas durante o período da pandemia de COVID-19, além de aspectos relacionados a sua satisfação sexual e sensações sexuais que você pode ter apresentado durante os últimos 12 meses. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda interromper a sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com as coordenadoras da pesquisa.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: A participação nesta pesquisa poderá acarretar o risco mínimo de algum constrangimento ou desconforto que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Caso venha a ocorrer, o pesquisador se disponibilizará para a intervenção necessária junto ao participante. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pelas Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco à sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os responsáveis pela pesquisa terão conhecimento das respostas, e seu nome não será usado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que esta nos forneça dados importantes acerca de questões relacionadas às experiências vivenciadas no período da pandemia.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Glysa de Oliveira Meneses.

Instituição: Faculdade Ari de Sá

Endereço: Avenida Heráclito Graça, 826, Centro, Fortaleza – CE, CEP: 60140-060.

Telefones para contato: (85) 3077-9700

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Ao clicar no botão “**próximo**”, você confirma seu consentimento para a participação nesta pesquisa.

Nome do participante: _____

Nome do membro da equipe de pesquisa: _____

Local e Data: _____

Assinatura do participante responsável: _____

Assinatura do membro da equipe de pesquisa: _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

APÊNDICE C
QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Agora, gostaríamos de saber alguns dados sobre você:

Idade: _____

Onde reside atualmente (Cidade/Estado): _____

Você é: Homem Mulher Não-Binário

Prefere autodescrever-se: _____

Prefere não responder

Estado Civil: Solteira(o) Casada(o) União Estável Divorciada(o) Viúva(o)

Outro: _____

Tipo de Relacionamento:

Namoro Platônico Sem relacionamento Casamento/União Estável

Noivado Fica À distância Pega

Relacionamento Aberto Virtual Poliamor

Outro: _____

Orientação sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual Assexual Pansexual

Prefere autodescrever: _____

Prefere não responder

Religião: Católica Protestante Espírita Umbanda Candomblé

Budista Não possui Outra: _____

Cor/raça: Branco Pardo Preto Amarela Indígena

Outra: _____

Nível de Escolaridade

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Renda mensal familiar

Até 2 salários mínimos (menos de R\$2.090,00)

2-4 salários mínimos (R\$2.090,00 à R\$4.180,00)

4-10 salários mínimos (R\$4.180,00 à R\$10.450,00)

10-20 salários mínimos (R\$10.450,00 à R\$20.900,00)

- Ensino Superior incompleto + de 20 salários mínimos (mais de R\$20.90,00)
 Ensino Superior completo
 Pós-Graduado

Com quem Reside: Sozinho(a) Com outra(s) pessoa(s)

Quanto você se considera socialmente isolado?

- 1 Nada Isolado 2 3 4 5 Totalmente Isolado

Teve COVID-19: Sim Não

Quando: Há 1 ano e meio ou mais Há 1 ano Há 6 meses Há 3 meses ou menos

Você foi: Sintomático Assintomática

Você foi vacinado(a): Sim Não

Quando foi: Há mais de 6 meses Há menos de 6 meses

Pretende se vacinar: Sim Não

Posicionamento Político

- Esquerda
 Centro-Esquerda
 Centro
 Centro-Direita
 Direita

Você se considera Sexualmente Ativo(a)? Sim Não

Você considera que o uso de camisinha, apenas para uso nas relações sexuais, durante a Pandemia: Aumentou Não Alterou Reduziu

Você considera que o uso de aplicativos de encontro/sexo durante a pandemia:

- Aumentou Não Alterou Reduziu

O quanto você considera, durante a pandemia, a sua frequência de uso de aplicativos de encontro/sexo:

Nunca	Uma vez a cada dois meses ou menos	Uma vez por mês	2 a 3 vezes por mês	Uma vez por semana	2 a 4 vezes por semana	Quase todos os dias ou mais
-------	------------------------------------	-----------------	---------------------	--------------------	------------------------	-----------------------------

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

O quanto você considera, antes da pandemia, a frequência da sua atividade sexual autoerótica (por exemplo, masturbação, assistir pornografia, *sexting*)

Nunca	Uma vez a cada dois meses ou menos	Uma vez por mês	2 a 3 vezes por mês	Uma vez por semana	2 a 4 vezes por semana	Quase todos os dias ou mais
0	1	2	3	4	5	6

O quanto você considera, antes da pandemia, a frequência da sua atividade sexual com um parceiro(s)/parceira(s)

Nunca	Uma vez a cada dois meses ou menos	Uma vez por mês	2 a 3 vezes por mês	Uma vez por semana	2 a 4 vezes por semana	Quase todos os dias ou mais
0	1	2	3	4	5	6

Como você descreveria a sua própria vida sexual antes da pandemia? (considerando satisfação sexual, busca de sensações sexuais, frequência, práticas autoeróticas e/ou com parceiros etc., número médio de parceiros em 12 meses)

Com relação a sua vida sexual, durante a pandemia, como você descreveria percebe a sua experiência?

ANEXO A
ESCALA DE MEDO DA COVID-19 (FEAR OF COVID-19 SCALE)
(FARO et al., 2020)

INSTRUÇÕES: Abaixo são apresentadas algumas frases a respeito da COVID-19. Leia cada uma delas e assinale um X no número que melhor descreve você, conforme o esquema de respostas abaixo:

Discordo fortemente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1	2	3	4	5

1. Eu tenho muito medo da COVID-19	1 2 3 4 5
2. Pensar sobre a COVID-19 me deixa desconfortável	1 2 3 4 5
3. Minhas mãos ficam úmidas/frias quando penso na COVID -19	1 2 3 4 5
4. Eu tenho medo de morrer por causa da COVID-19	1 2 3 4 5
5. Eu fico nervoso ou ansioso quando vejo notícias nos jornais e nas redes sociais sobre a COVID-19	1 2 3 4 5
6. Não consigo dormir porque estou preocupado em ser infectado pela COVID-19	1 2 3 4 5
7. Meu coração dispara ou palpita quando penso em ser infectado pela COVID-19	1 2 3 4 5

ANEXO B

QUESTIONÁRIO DE COMPORTAMENTO SEXUAL

INSTRUÇÕES. Por favor, leia cada um dos itens a seguir com atenção. Pense em seu comportamento sexual nos últimos 20 meses ao responder a cada uma das perguntas. Indique com que frequência você se comportou conforme descrito em cada item usando a escala de resposta abaixo. Responda a cada pergunta da melhor maneira possível (estimativas são aceitáveis).

Nunca	Uma vez a cada dois meses ou menos	Uma vez por mês	2 a 3 vezes por mês	Uma vez por semana	2 a 4 vezes por semana	Quase todos os dias ou mais
0	1	2	3	4	5	6

Com que frequência você...

1. Tentou uma nova posição sexual com um parceiro/um parceira.	0 1 2 3 4 5 6
2. Conversou sobre fantasias sexuais com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
3. Realizou fantasias sexuais com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
4. Utilizou um vibrador ou outro brinquedo sexual com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
5. Massageou um parceiro/uma parceira nas costas.	0 1 2 3 4 5 6
6. Tomou banho com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
7. Assistiu pornografia com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
8. Usou roupas íntimas sensuais com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
9. Envolveu-se em atividades BDSM (por exemplo, restrições, uso de algemas, chicote, palmadas)	0 1 2 3 4 5 6
10. Fez uso de drogas antes do sexo com seu parceiro/sua parceira.	0 1 2 3 4 5 6
11. Fez uso de drogas durante o sexo com seu parceiro/sua parceira.	0 1 2 3 4 5 6
12. Fez sexo com penetração (anal ou vaginal) com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6

13. Fez sexo com alguém que conheceu em um aplicativo de sexo/namoro.	0 1 2 3 4 5 6
14. Trocou mensagens sexuais com alguém que conheceu em um aplicativo de sexo/namoro.	0 1 2 3 4 5 6
15. Encenação durante o sexo.	0 1 2 3 4 5 6
16. Envolveu-se ato sexual em grupo (três ou mais pessoas).	0 1 2 3 4 5 6
17. Consumiu álcool antes do sexo com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
18. Consumiu álcool durante o sexo com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
19. Teve contato sexual com um parceiro/uma parceira em um lugar público.	0 1 2 3 4 5 6
20. Fez vídeos sensuais com alguém.	0 1 2 3 4 5 6
21. Filmou você mesmo e um parceiro/uma parceira fazendo sexo com consentimento dele/dela.	0 1 2 3 4 5 6
22. Usou comida durante o sexo com um parceiro/uma parceira (por exemplo, chantilly).	0 1 2 3 4 5 6
23. Você ou o parceiro tomou Viagra ou um medicamento semelhante.	0 1 2 3 4 5 6
24. Fui a uma casa de swing (troca de casais) com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
25. Mandou nudes para um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
26. Assistiu pornografia sozinho(a).	0 1 2 3 4 5 6
27. Fez sexo pela internet com um parceiro/uma parceira.	0 1 2 3 4 5 6
28. Pesquisou informações online sobre sexo.	0 1 2 3 4 5 6
29. Filmou se masturbando.	0 1 2 3 4 5 6
30. Fez sexo por telefone com alguém.	0 1 2 3 4 5 6
31. Fez vídeos sensuais para alguém.	0 1 2 3 4 5 6
32. Experimentou estimulação anal sozinho(a).	0 1 2 3 4 5 6
33. Utilizou um brinquedo sexual sozinho (a).	0 1 2 3 4 5 6
34. Monitorou comportamento sexual em um aplicativo	0 1 2 3 4 5 6
35. Encenação online (o destinatário sabia que era uma encenação)	0 1 2 3 4 5 6
36. Assistiu a uma transmissão de câmera ao vivo	0 1 2 3 4 5 6
37. Compartilhou seu próprio conteúdo sexual pessoal em um site pornográfico.	0 1 2 3 4 5 6

38. Compartilhou conteúdo sexual de alguém que você conhece em um site pornográfico com consentimento dele(a).	0 1 2 3 4 5 6
--	---------------

ANEXO C
NOVA ESCALA DE SATISFAÇÃO SEXUAL (NSSS)
(PECHORRO et al., 2015)

INSTRUÇÕES. Por favor, leia cada um dos itens a seguir com atenção. Pense em seu nível de satisfação sexual nos últimos 20 meses ao responder a cada uma das perguntas. Indique com o quanto você se sentiu satisfeito segundo a descrição em cada item, usando a escala de resposta abaixo. Responda a cada item da melhor maneira possível (estimativas são aceitáveis).

Nada Satisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Totalmente Satisfeito
1	2	3	4	5
1. A intensidade da minha excitação sexual.				1 2 3 4 5
2. A qualidade dos meus orgasmos.				1 2 3 4 5
3. A capacidade de me “soltar” e me entregar ao prazer sexual durante as relações.				1 2 3 4 5
4. A minha capacidade de me concentrar na atividade sexual.				1 2 3 4 5
5. A forma como eu reajo sexualmente ao(à) meu(minha) parceiro(a).				1 2 3 4 5
6. O funcionamento sexual do meu corpo.				1 2 3 4 5
7. O meu à-vontade emocional durante o sexo.				1 2 3 4 5
8. O meu humor depois da atividade sexual.				1 2 3 4 5
9. A frequência dos meus orgasmos.				1 2 3 4 5
10. O prazer que eu proporciono ao meu(minha) parceiro(a) sexual.				1 2 3 4 5
11. O equilíbrio entre o que eu dou e o que eu recebo durante o sexo.				1 2 3 4 5
12. O à-vontade do(a) meu(minha) parceiro(a) durante o sexo.				1 2 3 4 5
13. A capacidade do(a) meu(minha) parceiro(a) em iniciar a atividade sexual.				1 2 3 4 5
14. A capacidade do(a) meu(minha) parceiro(a) em ter orgasmos.				1 2 3 4 5
15. A capacidade do(a) meu(minha) parceiro(a) se “soltar” e entregar ao prazer sexual.				1 2 3 4 5
16. A forma como o(a) meu(minha) parceiro(a) satisfaz as minhas necessidades sexuais.				1 2 3 4 5

17. A criatividade sexual do(a) meu(minha) parceiro(a).	1 2 3 4 5
18. A disponibilidade sexual do(a) meu(minha) parceiro(a).	1 2 3 4 5
19. A diversidade das minhas atividades sexuais.	1 2 3 4 5
20. A frequência da minha atividade sexual.	1 2 3 4 5

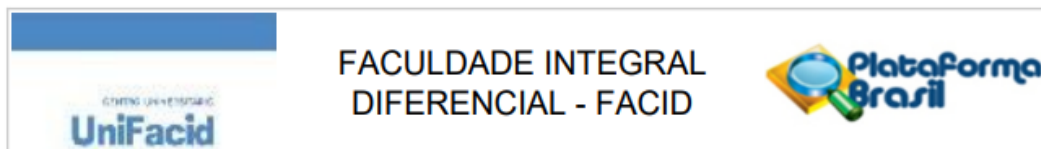
ANEXO D
ESCALA DE BUSCA DE SENSACÕES SEXUAIS (SSSS)
(PECHORRO et al., 2015)

INSTRUÇÕES. Por favor, leia cada um dos itens a seguir com atenção. Pense em seu comportamento sexual nos últimos 20 meses ao responder a cada uma das perguntas. Indique com o quanto você concorda com a descrição em cada item, usando a escala de resposta abaixo. Responda a cada item da melhor maneira possível (estimativas são aceitáveis).

Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4

1. Gosto de encontros sexuais sem inibições e sem tabus.	1 2 3 4
2. As sensações físicas são a coisa mais importante durante o sexo.	1 2 3 4
3. Os(as) meus(minhas) parceiros(as)sexuais provavelmente pensam que eu gosto de «arriscar» sexualmente.	1 2 3 4
4. Quando se trata de sexo, a atração física é mais importante para mim do que conhecer bem a outra pessoa.	1 2 3 4
5. Gosto da companhia de pessoas sensuais.	1 2 3 4
6. Gosto de ver filmes pornográficos.	1 2 3 4
7. Tenho interesse em tentar novas experiências sexuais.	1 2 3 4
8. Gosto de explorar a minha sexualidade.	1 2 3 4
9. Gosto de ter experiências e sensações sexuais novas e excitantes.	1 2 3 4
10. Prefiro a sensação de ter relações sexuais sem preservativo.	1 2 3 4

ANEXO E
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SEXO E DISTANCIAMENTO SOCIAL DOS CORPOS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pesquisador: Glysa de Oliveira Meneses

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51828321.8.0000.5211

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.053.813